

BILINGÜISMO: O PRECONCEITO DA SOCIEDADE

BILINGUALISM: THE PREJUDICE OF SOCIETY

Caroline de Morais¹

RESUMO: O texto trata dos falantes bilíngües que sofrem preconceitos por dominar mais de uma língua. No artigo será focado o bilingüismo da criança e as facilidades, também, levando em consideração os fatores extralingüísticos nas alterações dos elementos lingüísticos. O preconceito quanto ao falar bilíngüe é apontado pelos conceitos errados, que prejudicam a continuação de outra língua. Muitas vezes, a sociedade é responsável por essa visão errônea, sendo que é a língua que transmite a cultura, que diferencia os grupos lingüísticos, há, então, uma forte relação entre sociedade e língua. As atitudes lingüísticas são vistas em correlação ao comportamento lingüístico, avaliando a real importância da língua, principalmente da língua materna. Logo, o bilingüismo deve ser visto como virtude e não como dano.

PALAVRAS-CHAVE: Bilingüismo, indivíduo bilíngüe, sociedade, preconceito.

ABSTRACT: The text deals with bilingual speakers who suffer prejudice by master more than one language. In the article will be focused the bilingualism of children and the facilities, too, taking into consideration the factors an extra language on changes of the elements language. The bias on the talk is bilingual appointed by misconceptions that undermine the continuation of another language. Often, the company is responsible for that vision mistaken, and that is the language that conveys the culture, which differentiates the linguistic groups, there is then a strong relationship between society and language. Attitudes language are seen in correlation to the behavior language, evaluating the real importance of the language, especially the language. Soon, the bilingualism to be seen as virtue and not as damages.

KEYWORDS: Bilingualism, bilingual individual, society, prejudice.

Introdução

O fato do bilingüismo ocorre, geralmente, em algumas comunidades que são povoadas por pessoas que mudaram de uma região para outra. Com isso, têm-se pessoas que podem diferir de outras por possuir um conhecimento distinto, que é uma

¹ Mestranda em Letras e Cultura Regional pela Universidade de Caxias do Sul. Bolsista Capes. E-mail: cacarolpf@yahoo.com.br.

segunda língua vinda de berço. Ao tratar do tema do bilingüismo são consultados autores como De Herédia (1989) que expõe fatores de bilingüismo desde a criança até as pessoas maduras. E o assunto vai além e trata de rever conceitos que se aproximam e muitas vezes são equivocados, não abandonando em nenhum momento o falante, que é o personagem que guia quanto ao encontro do mundo bilíngüe.

Na abordagem de diferenças encontram-se várias formas preconceituosas vistas nas sociedades que reagem quanto ao falar diferente. Essa visão pode ser abordada por dois extremos, um que se faz de forma positiva, valorizando o falante bilíngüe e outra que se faz de forma negativa, sendo que a fala é vista com desprestígio. Para esse enfoque são abordados estudos de autores como Bagno (2003) e Goffman (1988) que tratam o preconceito sob um aspecto da sociedade e o estigma que se fixa na pessoa que sofre esse impacto, como se carregasse na fala uma cicatriz que o condenasse. Portanto, a sociedade é observada como a maior julgadora e o melhor ambiente para as situações preconceituosas, pois é nessa circunstância que um falante tem acesso aos conhecimentos de língua de outro falante.

As atitudes lingüísticas são conseqüências das relações que ocorrem nos preconceitos, tanto nas atitudes do falante monolíngüe, quanto nas do falante bilíngüe. Ainda que o bilíngüe tenha maiores conhecimentos de língua ele pode usar dessa segunda língua como proteção quanto ao outro, sendo que o segundo pode não entender a língua do primeiro. Autores como Appel e Muysken (1996) argumentam a respeito das atitudes lingüísticas que ocorrem no cotidiano de um falante bilíngüe. Assim, diante de tantas diferenças no quesito de linguagem, nota-se que a língua é tão ou mais importante que qualquer outra característica que identifique o indivíduo como alguém que traz em si raízes de seus ancestrais.

O bilingüismo

Pessoas que se assumem ser bilíngües são raras, de forma que o falante bilíngüe domina as línguas que fala; porém deve-se ter cuidado para não confundir com o aprendizado de uma língua estrangeira, sendo, então, uma segunda língua. Antigamente era comum encontrar bilíngües nas sociedades recém estabelecidas, pois os acidentes

geográficos dificultavam o acesso em algumas localidades, assim, preservando as comunidades lingüísticas e o falar bilíngüe. O bilingüismo era habitual devido aos elementos extralingüísticos, exemplifica-se por: a) o casamento com pessoas de duas culturas/dialetos/línguas diferentes b) a divisão dos lotes de terras (geográfico), c) fatores econômicos, etc. Esses elementos ocorriam com maior freqüência e eram mais propícios a acontecer nos momentos de transição de uma comunidade para outra, ou de um país para outro, isso se dava, geralmente, com os imigrantes que estão em fase de adequação em uma nova região. Portanto, os fatores extralingüísticos são responsáveis pelas alterações dos elementos lingüísticos.

As comunidades bilíngües, geralmente, falam a língua da região de origem em conjunto com a língua portuguesa, mas ao surgir a hipótese do bilingüismo ser uma ameaça para a língua portuguesa, qualquer língua que fosse diferente da língua portuguesa foi proibida, devendo-se, então, usar somente a língua portuguesa. Em artigo de Oliveira (2000, p. 87) é retratado essa repreensão:

Não só os índios foram vítimas da política lingüística dos Estados lusitano e brasileiro: também os imigrantes – chegados principalmente depois de 1850 – e seus descendentes passaram por violenta repreensão lingüística e cultural – já que a língua naturalmente é parte da cultura. [...]

Com essa atitude preocupada dos nativos em perder o prestígio do uso da língua e, conseqüentemente, em perder o poder, tem-se a noção da coesão de cada grupo étnico, os quais procuram estar cada vez mais próximos, para manter a transmissão de costumes. Dessa forma, os alemães tinham maior coesão em grupo étnico, pois faziam abaixo-assinado para manter a língua no culto e nas suas atividades diárias, já os italianos tinham menor coesão em grupo étnico, acatando a língua portuguesa em suas práticas, esses são exemplos dos imigrantes alemães e italianos no Rio Grande do Sul.

O começo para a transmissão do bilingüismo é através da criança, sendo que é a maior favorecida, pois ela tem facilidade em dominar a língua e a sua situação de uso. Conforme apresenta a constituição do bilingüismo em De Heredia (1989, p. 183) “[...] a constituição do bilingüismo, que é a aprendizagem de uma segunda língua ou a aquisição simultânea de duas línguas pelas crianças.” Dessa maneira, é conhecido como bilingüismo precoce, quando em um mesmo ambiente com pessoas falando línguas distintas, a criança

– de 0 a 5 anos – convive e escuta as diferentes línguas, logo, ao iniciar a falar, terá proficiência nas duas línguas. A criança dispõe de facilidades em falar da mesma maneira em que estão falando os que a cercam. Assim, a competência comunicativa, que é a maneira de falar conforme a situação, ou seja, de acordo com as pessoas, nas crianças são internalizadas desde o momento em que estão observando os outros falarem.

A construção de uma comunidade bilíngüe nos estudos de Mackey (1972) pode ser dada através de diferentes comunidades monolíngües, de modo que há probabilidades de contato entre essas diferentes comunidades, assim o contato pode resultar em bilingüismo. Diante das dificuldades em reconhecer um bilíngüe, cabe distinguir alguns conceitos que podem parecer iguais. Como a visão de *exolíngüe* que é a aproximação de duas pessoas que não falam a mesma língua, com isso, não se conseguem manter um contato, ou seja, uma comunicação que renda em um entendimento com coerência. Também se deve exemplificar a respeito dos *pidgins*, que são as situações de transmissão, de comunicação, de entretenimento, enfim, é uma língua simplificada para falantes de diferentes línguas, que pode contar com o auxílio de gestos e ações, visto que as poucas palavras ditas não precisam ter muita concordância ou o seu plural respeitado.

O bilíngüe recorrer ao recurso da *diglossia*, sem saber que o faz, pois o fenômeno acontece ao utilizar cada língua para uma função específica; por exemplo, em casa a língua utilizada é uma e no escritório é outra; assim, está realizando a diglossia ao falar línguas diferentes em determinados lugares. Também pode ocorrer a alternância lingüística, na qual as palavras são alternadas em duas línguas durante o momento da fala, sendo em nível consciente ou semi-consciente, ou ainda, pode acontecer a interferência lingüística, esta em nível inconsciente, pois é momentânea e dependa da situação de fala que o indivíduo se encontra.

Logo, neste artigo, defini-se por bilingüismo o talento do falante em dominar duas ou mais línguas, desde a fase de criança. E a integração desse com a língua está associada diretamente com as características da comunidade em que convive, de forma que os integrantes, principalmente, as crianças bilíngües, podem sofrer tanto pelos aspectos positivos, quanto pelos negativos que são tabulados ao grupo. Como revela De Heredia (1989, p. 186) “[...] Nota-se então que, desde cedo, a língua está ligada a questões de integração no grupo, quer isso se manifeste positivamente, quer negativamente.”

Preconceitos

Sempre existiu o preconceito seja pela língua, pela raça, pela posição social, pela preferência sexual, etc. E é, partindo desse ponto, no qual o preconceito é comum, que se observam as palavras de Bagno (2003, p. 43) quanto ao preconceito: “Como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. [...]” Nesse sentido, atribui-se uma carga de preconceito também ao falante bilíngüe, segundo o estudo de Oliveira (2000, p. 84), o qual observou a forma que se deu para reduzir o número de línguas “[...] A política lingüística do Estado sempre foi a de reduzir o número de línguas, num processo de glotocídio², através do *deslocamento lingüístico*, isto é, da substituição pela língua portuguesa. [...]” (grifo do autor)

Para diferenciar preconceito de estigma, encontra-se em Goffman (1988) argumentos que levam a ver o preconceito como algo que acaba e, também, lança a possibilidade da língua desprestigiada como chance, de no futuro, ser uma língua de prestígio. No entanto, o estigma é visto como algo permanente na memória, comparando-se a uma cicatriz, sendo que o falante pode sentir vergonha de falar, devido aos possíveis risos e deboches já sofridos. Nesse sentido, percebe-se a forte ligação da língua com a reação da sociedade, argüindo sobre esta relação Goffman (1988, p. 148-149) apresenta:

[...] o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas fases da vida. O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro. [...]

Desde o passado há conceitos errados quanto aos bilíngües e multilíngües, esses conceitos são taxados muitas vezes por outros fatores preconceituosos, o que, conseqüentemente, torna os bilíngües como responsáveis pelos pontos negativos e positivos que venham a surgir de outros preconceitos. Por isso, deve-se ter uma atenção

² Glotocídio é apresentado na citação com o sentido de um *assassinato de línguas*.

aos fenômenos extralingüísticos, os quais possuem uma carga de características que podem esclarecer o preconceito que é dado de forma errônea.

Segundo os estudos de Kielhöfer e Jonekeit (1983) os conceitos negativos sobre o bilingüismo provêm da literatura especializada alemã mais antiga – antes de 1950. Esses conceitos são considerados agressivos, para exemplificar os argumentos preconceituosos que dizem respeito à capacidade lingüística, destinados às crianças bilíngües, listam-se alguns: as crianças são sobrecarregadas; não aprendem nem uma língua nem outra corretamente; são lingüisticamente atrasadas; não tem língua materna e não conseguem ser lingüisticamente criativas. Já para argumentar quanto à personalidade da criança, tem-se referências quanto: inteligência abaixo da média; não tem imaginação e são pobres de sentimentos; tem duas caras, são calculistas e mentirosas; não tem raízes nem pátria; frequentemente gaguejam, são canhotas e desajeitadas; são desorientadas, instáveis e tem comportamento passivo; são superficiais; tem complexo de inferioridade; tem personalidade dividida e tem tendência à esquizofrenia.

Com essa carga de argumentos está claro que todo o preconceito e o posicionamento negativo sobre os bilíngües na realidade está voltado aos diferentes fatores, que não são apenas o da linguagem ou especificamente da dominação de mais de uma língua, mas aos fatores como: comportamento, inteligência, modos, maneiras, sentimentos, nacionalidade, etc. O preconceito enraizado nas atitudes das pessoas é observado no estudo de Bagno (2003, p. 75-76):

[...] os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. [...] E o tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação a outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma. [...]

Devida importância dada aos estudos dos falantes bilíngües é necessário, consoante à pesquisa de Frosi, Faggion e Dal Corno (2007) que faz referência ao fato de que uma língua só existe enquanto as pessoas falam, deixando evidências de que o dialeto italiano, por exemplo, está próximo de sua morte, e com isso sua cultura também é dispersa, pois se perde o modo de viver. Assim, como no exemplo do dialeto italiano, outras línguas estão se acabando, para que isso não ocorra é inevitável que ela seja passada de pai para filho.

Nos estudos de Fishman (1977) apud APPEL e MUYSKEN (1996), a paternidade, no sentido da herança recebida dos pais, ligado geneticamente, é a maneira mais importante de manter a etnicidade, uma vez que a importância que Fishman atribui para etnicidade é que tudo passa pela língua. Logo, a etnicidade é algo que se constrói e se reconstrói através do tempo.

A sociedade e a língua

A língua possui muitas delimitações e imposições feitas pela sociedade, a qual é responsável pelas suas modificações. A sociedade é quem atribui o prestígio para a língua. A língua considerada prestigiada, em geral, é vista como mais bonita, coerente, disposta de formas requintadas, já a língua desprestigiada tem considerações de informalidade, pobre, simples. Assim, as pessoas que falam a língua desprestigiada são diferenciadas, uma vez que se impõem alguns valores da língua, muitas vezes preconceituosos, que se transferem aos seus falantes. Como em Mello (2003, p. 238) é atribuído valores aos diferentes *tipos* de línguas “[...] O valor simbólico atribuído à língua minoritária (e/ou aos seus falantes) é sempre avaliado com referência ao da língua dominante [...]”

Existe uma forte relação entre a cultura de uma determinada comunidade e os hábitos lingüísticos de seus usuários. Pois através dela também são transmitidas os aspectos lingüísticos, e a sociedade se sustenta desses elementos diferenciados para manter a sua riqueza feita da diversidade de valores, comportamentos, costumes, etc. Como é destacado em Bortone (2007, p. 123):

[...] Os estudos antropológicos e interculturais têm demonstrado a importância fundamental que o contexto cultural desempenha sobre a linguagem na identificação e manutenção de valores, comportamentos, costumes e tradições compartilhados entre os falantes de um grupo social. [...]

A sociedade é delimitada pelas suas classes sociais, e um dos fatores que interferem e classificam essas classes é a língua. Dessa forma, cada grupo social, seja bilíngüe ou não, destina valores culturais e sentimentos que são transmitidos pela língua que é utilizada, juntamente com as suas particularidades. “[...] El grupo se distingue a través de su lengua.

Las normas y valores culturales del grupo se transmiten por medio de la lengua. Los sentimientos grupales se enfatizan mediante el uso de la lengua propia del grupo [...]” (APPEL e MUYSKEN, 1996, p. 24) Portanto, é com o uso da língua que um grupo é diferenciado de outro, ou seja, pela sua identidade cultural.

Em estudos de Appel e Muysken (1996) são abordados fatores que aproximam a língua de outras áreas, funções, assim percebe-se a relação entre língua e identidade, sendo que a língua sustenta a distinção de um grupo ao outro, “[...] La importancia de la lengua se ve amplificada por el hecho de que se emplea para sostener otras experiencias étnicas. [...]” (p. 26). Ainda no mesmo estudo são expostas outras afirmações que aproximam a língua com a identidade de diversos grupos, como exemplo apresenta-se Goboglo (1979) apud APPEL e MUYSKEN “[...] la lengua tiene una función integradora en cuanto a la identidad étnica. [...]” (p. 26), e Edwards apud APPEL e MUYSKEN “[...] la lengua es el componente más importante de la identidad.[...]” (p. 27). Com esse estudo, não há dúvidas da integração entre língua, identidade e sociedade, lembrando que existe uma variedade lingüística para cada situação, e cabe ao bilíngüe não deixar de utilizar seus conhecimentos.

A identidade sociocultural é em grande parte estabelecida e mantida pela linguagem. As pessoas que compõem um grupo social são responsáveis pelo crescimento e pelo fato da linguagem tornar-se uma característica que determina e diferencia o seu meio dos outros. Os bilíngües que mantêm com a comunicação em suas duas línguas, estarão dando maior credibilidade e uma visão de futuro para a língua que não é vista como favorecida na sociedade. Esse reconhecimento tem vinculação com o motivo das constantes mudanças que acontece na linguagem para aprimorar a utilização na comunidade, conforme se vê em Bagno (2003, p. 47-48)

[...] Toda variedad lingüística atende às necesidades da comunidade de seres humanos que empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sufrerá transformações para se adequar às novas necesidades. Toda variedad lingüística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares. [...]

Os jovens são considerados responsáveis pela variação, pela mudança da língua, pela mudança social, segundo estudos de Romaine e Nettle (2002), valendo-se de que é com a nova geração que a língua estará mais presente e propícia as mudanças, são eles que

utilizam a melhor forma de expressão, conforme suas necessidades, pois adaptam a língua sempre que sentem a carência de vocábulos. Os novos bilíngües não podem esquecer o que lhes foi passado e devem, também manter a língua, sendo eles os melhores sujeitos para fazer que o falar bilíngüe permaneça na rotina, ao menos dos que possuem esse privilégio.

O processo de difusão da mudança se dá por avaliações onde são apontados o prestígio social das variáveis lingüísticas, o prestígio social dos falantes e o comportamento lingüístico. Diante disso, a atualização lingüística interfere na estrutura social, pois é através das mudanças que a sociedade vai se moldando. Entretanto, a comunidade bilíngüe tem bem visionada a diferença de estar atualizada com as mudanças e do valor em manter o seu bilingüismo. Os fatos de atualização lingüística e a sua interferência são abordados em Santos (1997, p. 34):

[...] a actualização lingüística é inevitavelmente afectada pela estrutura social (cuja complexidade reflecte) e pelos padrões de relacionamento dos indivíduos, organizando-se, por este facto, em diferentes registros de língua.

Com a mudança lingüística percebe-se que a variação diastrática está em correlação com a posição do falante na escala social, sendo que essa variação ocorre em consonância com o status do falante, ou seja, com a classe social a qual ele pertence. Dessa maneira, observa-se que a variação acontece de forma tão comum quanto à mudança, ou seja, a atualização lingüística. Seguindo o mesmo pensamento tem-se a abordagem de Bagno (2003, p. 52) “[...] em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado *variação*, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico.”

Pelo ponto de vista lingüístico as variedades são vistas como neutras, boas e válidas, porém, do ponto de vista social as variedades não são neutras, visto que argumentam sobre o nível social tabulando as pessoas, muitas vezes prejudicando os bilíngües por possuírem um conhecimento diferente do que é comum de encontrar em uma sociedade que não cultive o bilingüismo. Acerca dessa relação observa-se que a língua e a sociedade possuem ligações, valendo-se que a língua reflete no seu uso a diversidade em que compõe a sociedade.

Atitudes lingüísticas

Desde os anos sessenta, Haugen e Fishman apud DE HEREDIA (1989) realizaram estudos acerca das línguas de diferentes migrações que povoaram os Estados Unidos, demonstrando os valores nas transmissões culturais e nas famílias. As comunidades lingüísticas são determinadas pela ligação que elas têm em suas atividades e seus costumes, preservando uma unificação. A definição de comunidade lingüística é dada como:

Uma comunidade lingüística define-se como tal se seus membros têm em comum ao menos uma variedade de língua e também normas de uso correto, uma comunicação intensiva entre eles, repertórios verbais ligados a papéis e unificados por normas, enfim, uma integração simbólica no interior do grupo ou do subgrupo de referência (nação, região, minoria). [...] (DE HEREDIA, 1989, p. 179)

Os falantes tendem a reagir sobre as atitudes lingüísticas, essa que é uma resposta ao outro falante, a qual pode ser uma reação favorável ou não, positiva ou negativa, que faz referência ao modo diferente de falar do outro. Em Appel e Muysken (1996) as atitudes lingüísticas são adotadas pela posição social, seja na perspectiva *conductista*, onde as atitudes são observadas como respostas a determinadas línguas, seja na perspectiva *mentalista*, onde as atitudes são vistas como um estado interno e mental que pode dar espaço a diferentes formas de comportamento. Dessa maneira, as atitudes lingüísticas demonstram entendimento da relação que existe entre a língua e a identidade, pois os grupos têm consciência que existe uma língua considerada inferior, porém o preconceito está relacionado a fatores sociais e não somente a língua falada.

As atitudes são relacionadas diretamente com o comportamento lingüístico do falante, nesse caso, o falante bilíngüe. Mello (2003, p. 239) expõe esse fato em seus estudos acerca de falantes bilíngües: “[...] As atitudes dizem respeito ao modo como o falante se julga ou é julgado pelos seus pares com referência ao seu comportamento lingüístico [...]” Ao reconhecer as atitudes e os comportamentos lingüísticos do bilíngüe percebe-se que as manifestações são afetadas pela influência social e pelas repercussões do comportamento frente ao meio social. Sendo que na sociedade há uma grande facilidade em rotular os grupos sociais, criando, então, uma *cadeia de atitudes* que afetam as atitudes de outro indivíduo, ou seja, atitudes que geram outras atitudes.

O modo de receber um falante bilíngüe em uma nova comunidade pode ser decisivo no desempenho do mesmo dentro do grupo. As atitudes são contidas nas crenças dos indivíduos, essas que são responsáveis pela manutenção do falar bilíngüe, no entanto, deve-se ter presente a aceitação da comunidade. Assim, as atitudes lingüísticas são reflexos das atitudes sociais, seguindo o estudo de Grosjean (1982), ocorrendo uma em sintonia com a outra, tendo como referência as atitudes realizadas pelos indivíduos, tanto os bilíngües quanto os monolíngües. Nesse aspecto, também se refere Bisinoto (2007, p. 24):

[...] ao lado da variedade lingüística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciado, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto lingüística quanto politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Nesta perspectiva, a atitude lingüística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. [...]

Através das atitudes de prestígio e desprestígio social podem-se saber quais são as formas vistas de maneira preconceituosa, muitas vezes prejudicando uma forma que foi transmitida em família. Mesmo que a família tenha reconhecido a essencialidade em passar a riqueza de conhecer facilmente uma segunda língua por meio das relações familiares, o indivíduo que passar por muitas situações preconceituosas deixará de manifestar seu conhecimento na determinada língua.

A importância da língua

Ao acreditar na necessidade da língua, sabe-se que é por ela, que ela é capaz de transmitir toda uma cultura de um povo, de modo que a língua é uma representação de uma comunidade, de um indivíduo.

Os estudos de Santos (1997) afirmam que a linguagem popular obedece a regras, o que é certamente comprovado, visto que há coerência na suas formulações e que, também, há uma compreensão do interlocutor. Ao seguir esse raciocínio reafirma-se a idéia de que as palavras são formas que acompanham os conceito e os objetos. Por conseguinte, lembra-se que o objeto de estudo da dialetologia tradicional é a descrição da variação

diatópica, ou seja, da distribuição geográfica de fatos fonéticos, lexicais, morfológicos ou sintáticos, onde se concentram as diferentes comunidades.

A maior dificuldade encontrada é em localizar essas comunidades, que estão cada vez mais escassas, devido à rapidez das mudanças da língua. Dado que uma língua muda porque mudam as condições em que é usada, as pessoas, os lugares, o tempo, etc. e com todas essas mudanças a língua também sofre alterações.

O que se observa atualmente é necessidade de conservar a língua materna. Muitos estudos estão argumentando sobre esse enfoque, em De Heredia (1989) além desse ponto, são vistos também, a associação da língua com a pessoa, valendo-se da importância da língua materna conservada em ambientes familiares, atribuindo essa característica como facilitadora para a aceitação da língua na sociedade.

A tendência atual é preconizar um bilingüismo estabelecido, quer dizer, fazer de modo que a cada língua se associem claramente uma situação ou uma pessoa. Vários estudos em diferentes países tendem a mostrar que quanto mais a língua materna for valorizada e conservada 'pura' em casa, mais aceita a língua do país receptor e mais se consegue sucesso na escola. [...] (DE HEREDIA, 1989, p. 191)

O bilingüismo não pode ser visto como um dano, pois as crianças sabem distinguir desde cedo quando e como falar, conciliando a sua língua com a situação em que se encontram, não tendo dificuldades em fazer esse jogo com as línguas. Segue-se a mesma linha em De Heredia (1989, p. 192) “[...] não se aprende uma língua independentemente das situações de comunicação: é, pois, normal que a língua e situação estejam estreitamente ligadas para a criança.”. O que é deve ser sabido por todos os demais falantes, todavia não é o que acontece, já que as falas bilíngües estão condenadas à marginalização, à extinção, pela dificuldade encontrada em mantê-las perante uma sociedade que é rígida.

As pessoas devem reconhecer a importância das línguas, ou seja, em deixar que elas estejam ativas, pois a língua não é somente um instrumento para a comunicação de mensagens, ela é sim, uma representação histórica, uma representação de cultura, uma representação de conquistas, de mudanças, de evolução, de hábitos, atravessando diversos obstáculos e se possível permanecendo na vida dos que a cultivam.

Considerações finais

Com tantas diferenças existentes no mundo, este artigo tratou de abordar apenas uma, porém que é vista como muito importante para a vida de pessoas que convivem ou que conhecem pessoas bilíngües, e ainda há uma contribuição maior para as pessoas que são bilíngües de fato. Já que o bilingüismo está presente em muitas comunidades basta aos cidadãos conciliarem essas diferenças, mas tudo não é tão simples assim. Como foi argumentado no presente artigo, ainda há muito que trabalhar nessa área, um exemplo são os aspectos preconceituosos, os quais muitas vezes geram confusões e distorções na comunicação, terminando com visões erradas de ambos os lados, seja do monolíngüe ou do bilíngüe.

Em correlação aos preconceitos existe a visão da sociedade com o novo, com o diferente, que muitas vezes, na primeira impressão, tende a ser repellido. Dessa forma errônea, surgem as atitudes lingüísticas que, geralmente, aparecem como forma de defesa de uma informação que não se tem de forma clara, há, na realidade, um distúrbio quanto ao que é de fato o falante bilíngüe. Mas, são poucas as pessoas que se preocupam e que querem saber mais sobre esses falantes, uma visão errada que pode cair sobre uma criança que é inocente e está tratando de falar à língua que é usada no seu lar.

Estudos como o que foi realizado neste artigo é essencial para que se faça acontecer o reconhecimento do falante bilíngüe, para que a sociedade esteja mais aberta e preparada quanto às diversidades, que nesse caso ocorre na linguagem, uma das maiores e melhores armas, que serve tanto para erguer quanto para derrubar uma pessoa. O bilingüismo pode ser comum em algumas comunidades, mais do que em outras, sendo que onde há maior número de bilíngües são as regiões que receberam as imigrações de vários países. E, no futuro, com tanta evolução é cada vez mais provável que as pessoas tendam a mudar de uma região para outra e, com isso, as diferenças como línguas, costumes, modos, vão junto com o falante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPEL, René.; MUYSKEN, Pieter. **Bilinguismo y Contacto de Lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

BORTONE, Márcia Elizabeth. Comunicação interdialeto. In: CAVALCANTI, Marilda C.; BORTONI-RICARDO, Maris (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

BRANDÃO, Sílvia F. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo, Ática, 1991.

DE HEREDIA, Christine. Do bilingüismo ao falar bilíngüe. In: VERMES, Geneviève.; BOUTET, Josiane. (orgs.). **Multilingüismo**. Trad. Celene M. Cruz et al. Campinas, SP: UNICAMP, 1989.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. A. Linguagem da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e estigmatização. **Revista Virtual de Estudos de Linguagem – ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/site2007/pdf/9/artigos/revel_9_linguagem_da_regiao_de_colonizacao_italiana.pdf Acesso em: 19/09/2007.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GROJEAN, François. **Life with two languages**. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1982.

KIELHÖFER, Bernd.; JONEKEIT, Sylvie. **Zweisprachize Kindererziehung**. Trad. Carla Krohn. Tübingen: Stauffenburg, 1983.

MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua. **Readings in the sociology of language**. Editora Mouton: Paris, 1972. p. 554-584.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. Atitudes lingüísticas de adolescentes americano-brasileiros de uma comunidade bilíngüe no interior de Goiás. Universidade Federal de Goiás. In: **SIGNUM: Estudos Lingüísticos**, Londrina, n.6/1, p. 233-268, dez. 2003. Disponível em <http://www.bilinguismo.org/bilinguismo7.pdf> . Acesso em 28/10/2007.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. In: LOPES DA SILVA, Fabio. MOURA, Heronides Maurílio de Melo. **O direito à fala. A questão de preconceito lingüístico.** Florianópolis: Insular, 2000. p. 83-92

ROMAINE, Suzanne. NETTLE, Daniel. **Vanishing Voices – the extinction of the world’s languages.** New York, OUP, 2002.

SANTOS, Isabel Almeida. Dialectologia e sociolingüística: delimitação e limitações na abordagem ao fenómeno da variação. In: **Revista Portuguesa de Filologia.** Vol. XX. 1996-1997. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1997. p. 23-62.